



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS - BACHARELADO
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

**Às 8h15 o mundo se despedaça:
uma análise de A Polícia da Memória, de Yoko Ogawa,
sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial**

Autora: Nátalia Fernandes Cardozo
Orientadora: Kimiko Uchigasaki Pinheiro

Brasília
2023

NÁTALIA FERNANDES CARDOZO

**Às 8h15 o mundo se despedaça:
uma análise de A Polícia da Memória, de Yoko Ogawa,
sob a perspectiva da Segunda Guerra Mundial**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Bacharel – Letras
Português apresentado à Universidade de
Brasília.

Aprovado em: 16 / 02 / 2023

Prof. Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues

Prof. Dr. Jorge Eduardo Rocha Morais

Kimiko Pinheiro

Prof. Dra. Kimiko Uchigasaki Pinheiro

Em memória de Ananias

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, que nunca poupou esforços nem incentivos aos meus estudos e que mesmo não estando mais aqui, foi o motivo para eu ter chegado até o fim da graduação e ter querido ir mais além e à minha mãe, por ter me ensinado a ler e ter comprado todos os livros de bruxas e dragões que eu pedia.

À Pudim, por todo apoio, incentivo, motivação e por ter me ajudado a escolher meu curso, tantos anos atrás. Você tem três estrelas de implicância pra mim! À Luyana, por todos os treinos, dicas e links de cursos, estágios e vídeos engraçados, mas principalmente pelos lembretes de que somos teimosas demais para não conseguir; e a Julia Bandeira, que esteve ao meu lado até aqui.

Por último, mas tão importante quanto, às professoras Kimiko Uchigasaki e Fabrícia Wallace, por todos os conselhos, correções, ensinamentos, ajuda, apoio e inspiração que fizeram com que esse trabalho pudesse existir.

*“Você precisa ver as coisas que precisa ver,
e não as coisas que quer ver.”¹*

Murakami Haruki

¹ O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação

RESUMO

O presente trabalho se propôs a realizar uma análise crítica da obra *A Polícia da Memória*, de Ogawa (2020), e discutir a hipótese de representações das memórias de guerra apresentadas no livro em questão. A partir da fenomenologia da memória (Ricoeur, 2000) e da história do Japão (Dower, 1999), tendo como recorte o período entre guerras mundiais e a ocupação estadunidense ocorrida em 1945, sob o ponto de vista japonês. O resultado desta análise mostrou que as memórias das personagens, bem como a situação de esquecimento, estão relacionadas ao trauma e ao luto do próprio esquecimento. Por sua vez, o trauma e o luto em questão estão relacionados à situação psicológica dos *hibakusha*, sobreviventes do bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, e à frágil situação da memória coletiva japonesa no período em questão.

Palavras-chaves: Yoko Ogawa. Literatura Japonesa. Hibakusha. Memória.

ABSTRACT

The present work purpose of carrying out a critical analysis of the work “The Memory Police” by Ogawa (2020), and discussing the hypothesis of representations of war memories presented in the book in question. From the phenomenology of memory (Ricoeur, 2000) and the history of Japan (Dower, 1999), focusing on the period between the world wars and the US occupation that occurred in 1945, this research is based on the Japanese point of view. The result of this analysis showed that the character’s memories and the situation of forgetting are related to the trauma and mourning of forgetting itself. In turn, the trauma and the grief in question are related to the psychological situation of *hibakusha*, survivors of the Hiroshima and Nagasaki bombings, and the fragile situation of Japanese collective memory at that period.

Palavras-chaves: Yoko Ogawa. Japanese Literature. Hibakusha. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	10
OBJETIVOS E PERGUNTA DA PESQUISA	14
METODOLOGIA	15
1 A QUESTÃO DA REPRESENTATIVIDADE	17
2 O QUE NÃO PÔDE SER SALVO	21
2.1 A POLÍCIA DO PENSAMENTO E A POLÍCIA DA MEMÓRIA	22
2.2 A FENOMENOLOGIA DA MEMÓRIA	24
2.3 O ESQUECIMENTO COMO DANO SENTIDO	27
2.4 AS FERIDAS DA GUERRA	29
2.5 A QUESTÃO PSICOLÓGICA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

A Polícia da Memória, uma história contemporânea escrita por Yoko Ogawa, nos transporta para um mundo em que as memórias e o que elas significam são passíveis de desaparecimento. De acordo com a vontade de um governo opressor e autoritário, as memórias são apagadas e a população, de uma ilha sem nome, é obrigada a se desfazer dos objetos relacionados. Ao mesmo tempo, existem pessoas que não são capazes de esquecer e por isso, são perseguidas pela polícia secreta e levadas para um lugar desconhecido.

Com um tom sutil e intimista, o livro de Ogawa nos faz refletir sobre a força e a durabilidade da nossa própria memória, e levanta questionamentos sobre a disfunção causada pela falta dela.

A protagonista do romance, personagem sem nome, assim como todos os outros, tenta proteger uma pessoa que não consegue se esquecer e em troca, é levada ao exercício de rememoração que acaba por fazer com que ela se depare com o vazio de seu próprio coração. Levando em conta a particularidade da língua japonesa, entendemos que o *kokoro*, órgão que, se traduzido literalmente, representa o coração, também é o responsável pelo armazenamento dos acontecimentos.

Essa ilha misteriosa e a fragilidade que a rodeia também nos leva a questionar o funcionamento do mundo: se nossas memórias podem se extinguir, como garantir que os acontecimentos históricos de fato aconteceram? E se de fato aconteceram, podem eles serem moldados de forma a se tornarem outra coisa? Segundo Paul Ricoeur (2020), “a experiência temporal e a operação narrativa se enfrentam diretamente, ao preço de um impasse sobre a memória e, pior ainda, sobre o esquecimento.”

A historiografia humana, ainda hoje em atualização, passou por vários períodos em que, sem a tecnologia da escrita, os historiadores daqueles tempos contavam apenas com a duração de sua própria memória e a transmissão oral. Esse tipo de tradição pode ainda hoje ser encontrada no continente africano, através da figura dos griôs: os guardiões das histórias e do conhecimento transmitido a partir da oralidade.

Sabemos que a história japonesa, uma das mais antigas do mundo, teve a escrita iniciada a partir da evolução tecnológica ocorrida na China, dando assim origem aos kanji e, posteriormente, aos seus silabários. Dentre as muitas batalhas vivenciadas por este país, a sua participação na Segunda Guerra Mundial e as consequências enfrentadas pelo arquipélago, aparentam estar relacionadas à história de *A Polícia da Memória*.

Usando a fenomenologia da memória e os acontecimentos históricos como base, este trabalho tem como objetivo principal, elucidar a existência de uma alegoria entre o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki e a ocupação estadunidense no Japão com os personagens anônimos criados por Yoko Ogawa e analisar os pontos que são capazes de sustentar essa tênue relação entre história, memória e esquecimento.

CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

É fato conhecido pela ciência que a memória humana é mutável; ela acontece em várias partes do cérebro e ao mesmo tempo, mas algumas perduram mais do que outras. Sendo assim, como é feita a escolha dos fatos utilizados em uma narrativa? A memória é confiável? Questionamentos como esse embalam a leitura dos livros escritos por Yoko Ogawa, escritora japonesa reconhecida mundialmente, que costuma retratar a perda da memória ou a posse dela em seus livros. Ogawa (2020a) diz que “a literatura é um refúgio a que recorremos quando somos forçados a enfrentar contradições que estão além da razão e da lógica.”² (tradução nossa).

O bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki e a guerra que o desencadeou são contradições da razão humana. Além disso, sendo a memória uma prova da realidade dos acontecimentos e o corpo humano uma casca frágil à vida, como os que não vivenciaram esse episódio da história da humanidade conseguirão preservar a memória dos que viram? Esse é um trabalho político e acadêmico fundamental, que pode ser deturpado através de políticas memorialísticas que reforçam e modelam determinadas visões dentro da sociedade. Então, tendo a arte como ponto referencial e empático, as vozes dos mortos se tornam eternas.

Aqui, bombardeio atômico, usado no singular, se refere às bombas atômicas lançadas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, a partir da visão de Gunther Anders (*apud* Marcello Neto, 2020, p. 50), que nos diz que a eclosão das duas bombas e seus efeitos catastróficos devem ser considerados essencialmente como parte do mesmo evento, se diferenciando apenas pelas questões de data, hora e local, mas ainda sendo partes da mesma catástrofe genocida.

O imaginário coletivo criado a partir da guerra e da posterior veiculação de seus resultados, se estende desde crenças e concepções sociais sobre o *cogumelo atômico* e o *brilho de mil sóis* até o campo imaginário, onde se desenvolve principalmente dentro da

² No original: “Literature is a refuge we turn to when we are forced to confront contradictions that lie beyond reason”

ficção científica, através de histórias como a de *Gojira* (1954, Ishiro Honda), em que o monstro retrata uma força terrível da natureza ao mesmo tempo em que representa o medo do povo japonês. *Gojira* foi lançado em março de 1954, nove anos após o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki e o bombardeio de Tóquio, realizado com uma série de bombas incendiárias que arrasaram com cerca de 360 hectares da cidade, e apenas dois anos após o fim da ocupação estadunidense no Japão. Segundo Barak Kushner (2006):

O filme foi um sucesso no Japão, viajou para o exterior, retornou ao Japão e tornou-se uma franquia. *Gojira* marca o retorno do Japão ao cenário internacional – antes das Olimpíadas de 1964, antes do sucesso dos *shinkansen* (trens-bala) e antes do milagre econômico do pós-guerra que lançou manchetes sobre a força de trabalho dominante do Japão³. (tradução nossa)

Esse é um filme de ficção científica sombrio, com momentos obscuros que representam a dor e a tragédia recém-marcada na história japonesa. *Godzilla*, a encarnação do bombardeio nuclear, também se transformou em símbolo de uma identidade nacional retalhada. Ao mesmo tempo em que amedronta, com suas cicatrizes, queimaduras e deformações, o monstro com o peito carregado de dor e raiva, também é digno de empatia.

Além da representação japonesa, podemos dar como exemplo A Fenda do Bikini, “um pequeno anel de ilhas de corais no Oceano Pacífico, [...] [que] intriga as pessoas pelo fato de ser completamente inabitável — além de teorias relacionarem o lugar à 'Fenda do Bikini', do desenho 'Bob Esponja'.” (MOREIRA, Éric, 2022)

Nesta monografia, utilizaremos *A Polícia da Memória*, livro de Yoko Ogawa (2021), traduzido para o português por Andrei Cunha, é uma distopia com tons kafkianos. Ambientada em uma ilha imaginária, sem nome ou ponto de referência, a narradora nos faz um relato do absurdo ilógico que é viver sob regras autoritárias que beiram a ditadura. Nessa ilha, objetos comuns, como botões de camisa, perfumes e até mesmo flores, e as suas concepções, significados e significantes, somem da vida cotidiana e através de um ritual de despedida, as lembranças sobre eles e as suas utilidades, também se tornam quase impossíveis de serem acessadas.

A polícia secreta é uma guarnição governamental responsável por garantir que nenhuma memória do objeto esquecido seja recuperada. Esses objetos se transformam numa espécie de violação do cotidiano da vida na ilha e o exercício de poder apresentado no livro

³ No original: “Gojira was a popular hit in Japan; it traveled abroad, returned to Japan, and became a franchise unto itself. Gojira marks Japan’s return to the international stage—before the 1964 Olympics, before the success of the shinkansen (bullet trains), and before the postwar economic miracle that launched headlines about Japan’s dominant workforce.”

nos faz questionar o que determina o funcionamento de uma sociedade. Ainda assim, há aqueles que lembram e que são imunes a esta fiscalização.

Em *A Polícia da Memória*, apenas algumas pessoas possuem nomes, mas aqui todos são reconhecidos apenas pelos papéis que desempenham na pequena vila.

Assim como a literatura de Ogawa, o idioma japonês não distingue presente e futuro, as construções gramaticais da língua deixam claro que só existem dois tempos verbais: passado e presente. Nessa lógica, o passado é o que passou e o que nos trouxe até aqui, enquanto o presente é o planejamento necessário para a construção do futuro. Assim, percebemos que, culturalmente falando, seria mais importante solucionar o problema e agir, ao invés de questionar os acontecimentos. Ao mesmo tempo, isso não quer dizer que o povo japonês não possui traumas nem que as consequências desses atos devam ser ignoradas. Sendo a literatura do esquecimento um ponto referencial de empatia e historicismo, também buscamos preservar as características específicas da história, da cultura e da língua japonesa.

Dessa forma, proponho uma análise da narrativa memorialística usada por Yoko Ogawa, de forma que possamos compreender as sutis presenças da guerra e das consequências do bombardeio atômico que são apresentadas nessas histórias. Proponho também, a ampliação da visão acerca dos grupos sociais que foram afetados pela guerra, mas que tradicionalmente continuam sendo excluídos das narrativas hegemônicas e canônicas do mundo.

A política da memória ao ser vinculada com o esquecimento é capaz de reforçar e remodelar determinadas visões dentro de uma sociedade, seja a partir do incentivo ou da censura. Pensando nisso, também propomos entender como a percepção do bombardeio pode ter reverberado no povo japonês para que possamos compreender como essa reverberação foi representada dentro da ficção especulativa, usando o recorte dos livros citados.

A pesquisa se justifica não só pela questão moral, mas também pela questão estética, conceptiva, que se faz importante, porque precisamos levar em conta quais foram as representações da catástrofe. Segundo Douglas Kellner (*apud* MARCELLO NETO, 2020, p. 161), é preciso entender que estética não é apenas o sublime e o belo, também é preciso pensar no feio e no ridículo. Aqui, a estética se baseia tanto no conceito do *cogumelo atômico* e do *brilho de mil sóis* quanto no conteúdo literário, nas escolhas narrativas e na organização textual. Além disso, devemos observar a questão histórica: a ocupação estadunidense em solo japonês durou dez anos e oito meses, quase o dobro da duração da guerra. Durante esse tempo o povo japonês não pôde deixar o arquipélago, não teve diplomacia nem soberania; nenhuma crítica à ocupação americana era permitida. Não existiam precedentes históricos deste tipo de

relacionamento nem nada comparável a isso antes ou imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial.

Também é preciso levar em conta que ao usar a literatura como um lugar da e de memória, da e de história, não a estamos colocando no papel de um simples documento histórico com data e fins específicos. Algumas concepções são alcançadas primordialmente através da literatura, pois ela carrega em si a capacidade de inventar, catalogar e criar acontecimentos.

OBJETIVOS E PERGUNTA DA PESQUISA

Os objetivos desta pesquisa partem dos seguintes questionamentos: como as memórias e os traumas são representados no livro *A Polícia da Memória*? Essa possível representação pode ter relação com o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki?

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em fazer uma análise crítica do livro *A Polícia da Memória*, escrito por Yoko Ogawa, de forma que possamos vislumbrar os acontecimentos de traumas relacionados a perda ou a retenção de memória dentro do imaginário criado pela autora.

O objetivo específico desta pesquisa é analisar as protagonistas e suas vivências, de forma a reconhecer traços advindos de traumas e identificar a existência de indícios que possam ser relacionados à explosão de Hiroshima e Nagasaki e a Segunda Guerra Mundial no livro *A Polícia da Memória*.

METODOLOGIA⁴

A metodologia escolhida para este trabalho possui dois pilares: a crítica literária dialética, em que partimos primeiramente da própria obra literária e não de algo externo à ela. E, neste caso, partir da obra não significa enclausurar a obra em si mesma, mas sim, deixar que ela revele a si e o outro, ou seja, o mundo e a sociedade.

Com relação ao segundo pilar escolhido, a fenomenologia da memória, se trata de uma tentativa de elucidação da evocação do passado na atualidade. Dentro da fenomenologia, em que toda consciência é consciência de alguma coisa, é a partir dessa consciência que interpretaremos os fenômenos e acontecimentos do mundo.

Nesse sentido, lembrar-se é ter uma lembrança ou ir de encontro a ela, mas sendo a memória uma representação do passado, podendo inclusive ser considerada uma apreensão do tempo, imaginação e memória se tornam indissociáveis. “E no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança.” (RICOEUR, 2000, p. 26).

Para justificar a correlação de acontecimentos explicitados nesta pesquisa, utilizaremos como principal fonte teórica os livros “Embracing Defeat: Japan in the World War II” (1999), “The Bombed: Hiroshimas and Nagasakis in Japanese Memory” (1996), ambos de John Dower, e “A Memória, A História e o Esquecimento (2000)”, de Paul Ricoeur.

Em *The Bombed* (1996), a situação psicológica e o senso de disjunção para com a nova realidade enfrentada pelos *hibakusha* são explorados, de forma que possamos melhor compreender o que o genocídio nuclear de Hiroshima e Nagasaki representaram, não só para o Japão e as vítimas, mas para a história do mundo. A situação no Japão, como principal afetado pelo aconteceu, além de única também era inédita. Nunca havia ocorrido um bombardeio nuclear, bem como nunca uma ocupação nos moldes da feita pelos Estados Unidos no Japão, tinham acontecido na história da humanidade.

Com relação à “Embracing Defeat” (1999), o livro é um apanhado histórico do período de derrota e ocupação do Japão pós Segunda Guerra Mundial. O diferencial apresentado pelo autor é examinar a história do lado conquistado, ou seja, a partir da visão japonesa, diferente do que a maioria dos pesquisadores já fizeram com relação a este assunto. A partir de sua pesquisa, Dower (2000) tenta entender a visão e os sonhos, bem como a desesperança e a exaustão de um povo recém-derrotado. Usando duas linhas narrativas

⁴ Apesar da convenção, optou-se por dispor a metodologia nesta seção para que a ordem de leitura ficasse fluida, dando assim, melhor entendimento a linha narrativa do trabalho.

distintas: um denso apanhado histórico-sociocultural e uma reconstrução detalhada da reforma constitucional e política do Japão, ele consegue explorar as subculturas da derrota, como, por exemplo, a prostituição e o mercado negro, e as pontes linguísticas usadas no momento de transição, tanto de idioma quanto de imagem, dessa nação.

Passando por algumas das contradições vivenciadas pelo Japão, chegamos ao esquecimento seletivo, as novas esperanças e as velhas decepções. A partir deste ponto, utilizaremos o trabalho de Ricoeur para examinar as situações entre o lembrar e o esquecer e mostrar como a memória afeta a visão histórica e a produção da narrativa histórica.

No primeiro momento do livro, Ricoeur faz uma abordagem fenomenológica da história sendo guiado pelo questionamento de como a memória do presente pode ser de algo ausente, ou seja, do passado. Na segunda seção ele aborda o trabalho dos historiadores e a questão da natureza e da verdade como conhecimento histórico, ao mesmo tempo que questiona se os historiadores, que teoricamente podem escrever a história a partir de suas memórias, podem romper com essa dependência. Já na terceira e última parte do livro, Ricoeur reflete sobre o esquecimento como condição para a lembrança e o perdão.

1 A QUESTÃO DA REPRESENTATIVIDADE

*“Eu só vejo de um ponto, mas em minha
existência sou olhado de toda parte”*

Jacques Lacan

Durante a fundamentação desta pesquisa, muito foi pensado sobre o que é lugar de fala e o que deveria ser feito a partir dessa concepção. Nossa época, o século XXI, conforme dito por Rosane Borges em seu prefácio à edição brasileira de Olhares Negros, está sendo marcada por embates da ordem do imaginário e por uma guerra entre imagens e signos. As novas discussões, entre universalistas e identitaristas, carregam a reivindicação por representação e representatividade daqueles que são historicamente discriminados e silenciados.

O século XX é visto como o século tanto do átomo e dos cosmos quanto da linguagem, momento em que as promessas do projeto da modernidade, tão em voga no século XIX, passaram por duras reavaliações. A barbárie, vista na versão edulcorada do século XIX como algo soterrado em camadas distantes da nossa história, volta assustadoramente com as duas grandes guerras mundiais, reacendendo os faróis do desamparo e do horror. (...) Mais do que uma ideia linear de progresso, o século XX, pelo triunfo do capitalismo e da tecnociência, nos ensinou que o projeto de modernidade carrega em seu germe a ideia de perpétua crise, que se fez sentir por todos os terrivelmente outros, não contemplados por uma concepção de humano e humanismo: negros e indígenas, asiáticos e africanos. (BORGES, 2019)

Lugar de fala é um termo sem berço epistemológico, ou seja, não se sabe qual é sua exata origem. Imagina-se que ele tenha surgido junto com o “ponto de vista feminista”, que procura debater diversidade, teoria racial e pensamento decolonial, com usos feitos a partir de movimentos sociais. Porém, segundo Djamilia Ribeiro (2017), “é extremamente possível pensá-lo a partir de certas referências que vêm questionando quem pode falar.”

Aqui é importante levarmos em consideração que quando falamos sobre os sobreviventes da hecatombe nuclear de Hiroshima e Nagasaki, não estamos falando de um indivíduo, mas sim de um grupo e das condições sociais que permitem ou deixam de permitir que este grupo acesse lugares de cidadania. A falta de cidadania, conseqüentemente, leva ao não acesso a determinados espaços, ou seja, impossibilita que as pessoas de fora deste grupo escutem suas vozes e contribuam para a catalogação da sua existência.

Ao nos fixarmos no indivíduo como representante do grupo em questão, não fazemos a reflexão de que determinados indivíduos do mesmo grupo partilham de experiências similares e “reduzir a teoria do ponto de vista feminista e o lugar de fala somente às vivências

seria um grande erro, pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos tenham direito à fala, à humanidade.” (RIBEIRO, 2017)

As discussões em torno da esfera identitária são indissociáveis entre política, história e identidade. Por isso, o que fazemos aqui é empreender junto a nova configuração do mundo, uma reflexão que busca questionar pontos de vistas e perspectivas em prol da emergência da cultura de resistência.

O fazer artístico é uma forma de expressão, não necessariamente marcado pela intenção, mas sim pela forma de expressar e de dar significado ao que se deseja expressar. Ernest Fischer (2017) diz que “a razão de ser da arte nunca permanece inteiramente a mesma. A função da arte, numa sociedade em que a luta de classes se aguça, difere, em muitos aspectos, da função original da arte.” Essa definição, por si só, vincula o conceito de lugar de fala, enquanto posicionamento político, ao fazer artístico.

A literatura, também enquadrada neste fazer, é a manifestação cultural de todos os homens e de todos os tempos, uma necessidade universal. A sua permanência e as verdades que ela expressa, faz com que pessoas de tempos e espaços físicos e sociais diferentes se entendam, se conectem e se emocionem. Nas nossas sociedades, ela tem sido um instrumento poderoso de ensino, reflexão e denúncia, de forma que ela se encontra ligada a um papel humanizador: se posicionar em face às iniquidades sociais.

No Brasil, pouco se reflete sobre guerras. No mundo, medianamente se fala sobre os que sobrevivem e carregam em si as consequências e resultados delas. As guerras nucleares perpassam apenas o mundo teórico, como um exercício militar e uma estratégia política. Após tantos desastres, a abolição das armas nucleares ainda não se concretizou. “Como o único país do mundo a sofrer bombardeios atômicos, o Japão continua enfrentando a dificuldade de apelar à desumanidade das armas nucleares.”⁵ (OGAWA, 2020b, tradução nossa). E mesmo no Japão, as memórias envelhecem.

De acordo com a Atomic Bomb Awareness Survey realizada pelo NHK Broadcasting Culture Research Institute em 2015, 69% das pessoas na cidade de Hiroshima, 50% na cidade de Nagasaki e 30% em todo o país responderam corretamente sobre a data do bombardeio atômico de Hiroshima. A parede do esquecimento cresce cada vez mais alto. Em um futuro não muito distante, a era de poder ouvir diretamente dos sobreviventes chegará ao fim.⁶ (OGAWA, 2020b, tradução nossa)

⁵ No original? “世界で唯一の被爆国として、核兵器の非人道性を訴えてゆくことの難しさに、日本は直面し続けてきた。”

⁶ No original: “2015年、NHK放送文化研究所が行った原爆意識調査によれば、広島原爆投下の年月日を正確に答えられた割合は、広島市で69%、長崎市で50%、全国では30%にとどまったという。忘却の壁はどんどん高くなってゆく。そう遠くない未来に、被爆した人から直接話を聴ける時代は終わりを迎える。”

Hibakusha é o termo da língua japonesa que nomeia as vítimas da bomba atômica. Não se sabe exatamente quantas pessoas foram mortas pela explosão das duas províncias, também é impossível contabilizar os seus sobreviventes, e a conta se estende a um sem-número se considerarmos os sofrimentos e os problemas de saúde que a radiação gerou aos *hibakusha* e aos seus familiares. Cerca de 270 deles migraram para o Brasil ao longo das décadas seguintes. Organizados em uma ONG (Organização Não-Governamental), a Associação Hibakusha Brasil pela Paz, criada em 1984, chamou atenção por reivindicar do governo japonês assistência médica durante a velhice, de forma que eles pudessem receber um tratamento equivalente ao dos sobreviventes que ainda residem no Japão. Hoje, 77 anos após a explosão, e após conseguir o subsídio para o tratamento, a associação foi fechada. Os últimos três sobreviventes que residem no Brasil apresentam seus relatos contra o desarmamento nuclear no espetáculo teatral *Os Três Sobreviventes de Hiroshima*.

Segundo o site do Ministério de Saúde, Trabalho e Bem-Estar do Japão, em março de 2022, o número de sobreviventes certificados da bomba atômica era de 118.935 pessoas. Conforme a lei japonesa de ajuda aos sobreviventes, atendem aos quesitos de *hibakusha* os sobreviventes diretos, os que entraram nas cidades de Hiroshima e Nagasaki para prestar atividades de socorro ou busca no período de até duas semanas após o lançamento da bomba atômica, aqueles que ajudaram na remoção dos corpos, os que experimentaram a “chuva negra”, além dos nascidos até 3 de junho de 1946 em Nagasaki e até 31 de maio de 1946 em Hiroshima.

Uma das iniciativas do Japão para manter a memória dos sacrifícios dos *hibakusha* e rezar pela paz eterna, foi a criação do Salão Memorial Para as Vítimas da Bomba Atômica⁷. Esse é um espaço onde os visitantes podem lamentar os mortos, rezar pela paz e coletar/fornecer materiais e informações relacionados à bomba atômica, como os relatos deixados pelos sobreviventes. Os nomes e retratos das vítimas são exibidos no museu e se tornam permanentemente preservados.

Enquanto de um lado temos o esforço para que os acontecimentos e memórias sejam protegidos e conservados, do outro temos a fragilidade do corpo e da memória humana. Na língua japonesa a palavra *kokoro* se estende ao coração literal, órgão vital para a nossa existência, e alcança a mente, o espírito, a alma e a consciência. A fragilidade desse órgão é exposta em *A Polícia da Memória*:

⁷ No original: “原爆死没者追悼平和祈念館”

[...] É um órgão de consistência gelatinosa que cabe na palma da mão. Não pode apertar muito, pois se desmancha; mas tem de segurá-lo firme, pois escorrega. Como ele vem de dentro do seu corpo, de um lugar recôndito, é muito quente. Quando fecho os olhos, sinto o calor do seu coração e, uma a uma, todas as coisas que eu perdi me vêm ao espírito. (p. 99)

Tendo sido esclarecidas algumas das singulares da língua e da cultura japonesa, começaremos a nossa análise no capítulo a seguir.

2 O QUE NÃO PÔDE SER SALVO

“Memórias significam mais para mim do que vestidos.”

Anne Frank

Publicado originalmente em 1994, um ano após a criação do Centro de Pesquisa e Documentação sobre a Responsabilidade de Guerra do Japão, em 1993, sob o título de Hisoyakana Kesshō⁸, *A Polícia da Memória* chega ao Brasil 27 anos depois, após a tradução em língua inglesa, de Stephen Snyder, ser nomeada finalista do National Book Award for Translated Literature, em 2019.

O romance, escrito em tom onírico e melancólico, acompanha uma romancista que vive em uma ilha controlada pela polícia da memória. Uma força desconhecida faz com que as pessoas da ilha passem por esquecimentos coletivos e acabem desapegando de objetos e de seus respectivos conceitos. As pessoas imunes a essa força, como a mãe da protagonista, precisam se esconder ou fugir da ilha para evitarem ser capturados pela polícia.

R., o editor da protagonista, revela ser um dos que não conseguem esquecer e teme ser levado pela polícia da memória. Com a ajuda do velho barqueiro, amigo da família, a protagonista esconde R. em um quarto de sua casa. Durante o seu tempo no esconderijo, ele tenta fazer com que ambos se lembrem de objetos já esquecidos, é nesse período também que a relação entre o editor e a romancista se torna cada vez mais íntima.

A cada objeto desaparecido a vida na ilha se torna cada vez mais insustentável. Com o sumiço dos calendários, o inverno continua rigoroso e a primavera parece cada vez mais distante. As frutas desaparecem e a comida se torna escassa. Os habitantes, incluindo a protagonista, começam a desvanecerem de suas próprias existências enquanto aceitam seu desfecho.

[...] o desfecho que nos aguarda a todos, que nós, habitantes da ilha, pressentimos, mas do qual não falamos; que nós, no começo, não temíamos, e do qual não nos preocupamos em escapar. Todos nós compreendemos bem a real natureza dos sumiços, e adotamos conscientemente a atitude que nos pareceu melhor para fazer frente a esse fim. (p. 309)

⁸ No original: “密やかな結晶”

E então, silenciosamente e sem deixar vestígios, eles são absorvidos. É assim que R. e os outros moradores que conseguem ter acesso às suas memórias se veem livres para reencontrar o mundo exterior.

As semelhanças entre *A Polícia da Memória* e o período entre guerras vivido pelo Japão começam logo no título:

2.1 A POLÍCIA DO PENSAMENTO E A POLÍCIA DA MEMÓRIA

A polícia da memória, organização secreta responsável pela regulação da ordem na ilha, é descrita como sendo composta por “caçadores de memórias”, cuja principal missão “era levar a cabo o processo de desaparecimento.” Na vida real, existiu a Tokubetsu Kōtō Keisatsu, doravante chamada de Tokkō, uma força policial da marinha japonesa, criada no período pré Primeira Guerra Mundial, para investigar grupos políticos e ideológicos considerados capazes de ameaçar a ordem pública. Chamada de a “polícia da paz”, a Tokkō era popularmente conhecida como “polícia do pensamento.”

As roupas da polícia secreta fictícia também se assemelham às vestimentas oficiais dos japoneses. Em *A Polícia da Memórias*, eles:

Usavam um uniforme verde-escuro, com cintos largos, botas pretas, luvas de couro, e traziam revólveres na cintura. Estavam todos arrumados e vestidos de forma idêntica — ou talvez cada um deles tivesse diferentes combinações de distintivos na lapela [...] em forma de losango, de feijão e de trapézio. (p. 19).

Segundo a exposição Battle of Hong Kong during World War II (Batalha de Hong Kong durante a Segunda Guerra Mundial), exibida no Hong Kong Museum of Coastal Defence, mas visitada de forma online em novembro de 2016, a polícia japonesa vestia o uniforme de campo padrão M1938, normalmente cor de azeitona, ou usava um uniforme de cavalaria com botas de cano alto de couro preto. Embora roupas civis fossem autorizadas, uma pessoa era obrigada a usar um distintivo de patente ou crisântemo imperial japonês sob a lapela da jaqueta. Os oficiais geralmente estavam armados com um sabre de cavalaria e uma pistola.

Autores como Elise Tipton (2014) e Richard Mitchell (1992) esclarecem que métodos de coersão como a tortura eram aceitos e autorizados dentro dessas organizações, o que se enquadra no conceito da face de Janus: uma justiça que é dura e imprevisível em alguns aspectos, mas branda e escrupulosamente legal em outros. O caso de tortura mais conhecido

dessa organização é a morte do escritor proletário Kobayashi Takiji, que foi torturado até a morte pela Tokkō em 1933. Na introdução do livro de Tipton (p. 1), temos a informação de que Takagi Takeo, um almirante da marinha imperial japonesa, teria dito: "se você disser Tokkō, até mesmo uma criança chorando fica em silêncio."⁹ (tradução nossa). Nesse sentido, podemos traçar paralelos entre o terror causado por este braço da infantaria japonesa ao terror causado pela polícia da memória.

Na página 31 de *A Polícia da Memória* é esclarecido que “[...] não se deve chamar a atenção dos caçadores de memórias. Isso pode arrumar problemas para o nosso lado, pareciam dizer. Todos têm medo da polícia secreta.” e mais adiante, na página 35, há a informação velada sobre os métodos que a polícia secreta poderia usar para realizar os seus intentos.

— Para os dirigentes, em uma ilha onde tudo aos poucos vai sumindo, o simples fato de haver algo que não some é prejudicial... é... inadmissível. Então se as memórias não somem por bem, somem por mal...

Sendo comparada por alguns historiadores a GPU da União Soviética e a Gestapo da Alemanha Nazista, o que faz com que, neste caso, os Tokkō sejam um elemento do fascismo japonês, também podemos ver o método de abordagem da polícia secreta escrita por Ogawa como uma contraparte da vida real:

As batidas da caça à memória estavam cada vez mais violentas. Ninguém mais recebia intimações com antecedência, como nos tempos da minha mãe. Eram sempre operações-surpresa. Os caçadores de memórias conseguiam abrir qualquer porta e levavam armamento pesado. Pisoteavam as casas invadidas em busca de aposentos secretos. Investigavam nas despensas, debaixo das camas, atrás dos roupeiros. Quando achavam um esconderijo, arrastavam para fora os furtivos. Também aqueles que ajudaram a acobertar os refugiados iam presos nos caminhões. (p. 80)

Neste ponto não podemos deixar de lado a admiração e inspiração que Ogawa tem pelo Diário de Anne Frank. Em entrevista dada ao *The Sydney Morning Herald*, Ogawa diz:

O coração e a mente de Anne eram tão ricos, seu diário provou que as pessoas podem crescer mesmo em uma situação tão confinada. E escrever pode dar liberdade às pessoas. (...) Eu queria digerir a experiência de Anne à minha maneira e depois recompô-la em meu trabalho.¹⁰ (OGAWA, 2019, tradução nossa).

⁹ No original: “If you say ‘Tokko’, even a crying child falls silent.”

¹⁰ No original: “Anne’s heart and mind were so rich, her diary proved that people can grow even in such a confined situation. And writing could give people freedom.(...) I wanted to digest Anne’s experience in my own way and then recombine it into my work.”

A fala de Ogawa sobre a experiência de Anne pode nos ajudar a compreender de que forma os acontecimentos da história japonesa foram introduzidos na sua escrita, uma vez que o Diário se trata de uma narrativa real e por essa razão também nos ajudou a compreender determinado ponto de vista sob um acontecimento histórico.

2.2 A FENOMENOLOGIA DA MEMÓRIA

Quando nos deparamos com a fenomenologia da memória ficamos à mercê de dois questionamentos: de que há lembrança e de quem é a memória? Os gregos usavam dois termos, *anamnesis e mneme*, para designar a *lembrança*, como sendo o objeto de uma busca que geralmente se denomina recordação, e *memória*, como a fidelidade em relação ao passado.

Para Aristóteles, a memória é do passado e nesse sentido se caracteriza por ser uma afecção, algo que pode aumentar ou diminuir a nossa potência enquanto corpos que se relacionam com outros corpos, o que por si só a distingue de uma recordação, que seria uma simples presença no espírito, que pode “ser considerada como neutra ou não marcada, na medida em que se diz que a lembrança sobrevém como presença do ausente.” (RICOEUR, 2000, p. 55).

Ao mesmo tempo, imaginar as coisas sumidas era um trabalho difícil. O objeto repousado na palma da minha mão parecia um animalzinho a hibernar — enroscadinho, imóvel, silente. Não me transmitia nenhum sinal. Eu me via tomada por uma sensação de impossibilidade, como alguém que tentasse reproduzir com argila a forma das nuvens que boiam no céu. (p. 11).

No trecho acima podemos notar a presença tanto da falta de uma memória quanto da presença de uma lembrança. A protagonista, ao mesmo tempo que se lembra de sua mãe lhe mostrar objetos esquecidos e lhe explicar o que eram e para o quê serviam, não possui nenhuma memória desses mesmos objetos e justamente por isso, na mesma página, é dito que eles lhe “remetiam a nomes de meninas estrangeiras, ou de plantas desconhecidas.”

Já com relação aos objetos de que a mesma possuía memórias, mas que passaram pelo sumiço da ilha, como, por exemplo, as fotografias, podemos ver os sentimentos da personagem com relação a eles, nos seguintes trechos:

Eu estava pronta para juntar todas as fotografias que tinha em casa (inclusive a de minha mãe que estava no porta-retratos em cima da lareira) e queimá-las no jardim, mas R. insistiu que eu não fizesse isso.

— As fotografias servem para guardar as suas memórias. São um bem insubstituível. Se vocês queimá-las, não tem mais volta. Não faça isso.
— Não tem nada que eu possa fazer. O sumiço já aconteceu.
— Sem as fotos, como você vai se lembrar do rosto de seu pai e de sua mãe? — perguntou, com uma expressão séria.
— O que desaparece é a fotografia, não é meu pai nem minha mãe. Claro que não vou esquecer o rosto deles. [...] Eu adorava minhas fotos. Cada vez que olhava para elas, ressuscitavam minhas mais queridas lembranças. Sentia saudades, tristeza, um aperto no coração... As fotografias eram a bússola mais confiável que eu tinha para andar na floresta das minhas lembranças. Mas agora preciso renunciar a tudo isso. É desolador e doloroso perder essa bússola, mas não sou capaz de impedir um sumiço. (p. 113).

Mais tarde, voltaremos ao desaparecimento das fotografias para elucidar a questão do desaparecimento como um dano sentido. No momento, basta notarmos que ainda que as fotografias tenham sumido, ainda há resquícios do que elas são e para o que elas servem. Com o passar do tempo, a memória das fotografias, assim como as outras, vai ficando cada vez mais “fraca”, mas ao lembrar de sua existência, ocorre um fenômeno diferente do ocorrido com relação às memórias de sua mãe.

— Sim, fotos também já desapareceram — murmurou.
— “Fotos”? — perguntei, sem entender.
Depois de pensar um pouco, eu lembrei, de forma muito vaga, que em outros tempos havia uma coisa chamada “foto”, um papel brilhoso em que se imprimia a imagem das pessoas.
— É mesmo, antigamente havia fotos... (p. 148)

Para a fenomenologia da memória, essa diferenciação “diz respeito à ausência de referência expressa à marca distintiva da memória, isto é, à anterioridade das “marcas” [...] nas quais se significam as afecções do corpo e da alma às quais a lembrança está ligada” (RICOEUR, 2000, p. 31).

Também é possível notar essa diferenciação entre as lembranças de R. e as tentativas de entendimento da protagonista e do balseiro, como no caso da caixinha de música no aniversário do velho:

— Ainda assim, não deixa de ser estranho ter diante de si um objeto que já sumiu. É algo que supostamente não existe mais. E aqui estamos nós, admirando esta caixinha, ouvindo sua música. Até dizer “caixa de música” em voz alta é uma coisa extraordinária.
— Eu acho que não tem nada de extraordinário. A caixinha de música está diante de nós. Ela existe. Ela tocava música antes do sumiço e, depois do sumiço, segue tocando. A corda continua durando o mesmo tempo. A melodia se repete o mesmo número de vezes. O ofício da caixa continua sendo o mesmo: tocar música. O que mudou foi o coração das pessoas.
— Sim, isso eu entendo. Mas nós não temos escapatória. Quando vemos uma coisa que sumiu, o coração se inquieta. É como se alguém lançasse algo pesado e duro dentro de um pântano de águas tranquilas. Isso cria ondas na superfície, um redemoinho no fundo, levanta o lodo. É por isso que as pessoas queimam suas coisas sumidas, jogam-nas nos rios, as enterram: elas precisam mandar as coisas sumidas para longe.
[...]

— Eu acho que essa inquietação que vocês sentem com as coisas sumidas é algo que, com o tempo, vai passando. Talvez baste se acostumar de novo com a coisa. O som da caixa de música foi criada especialmente para acalmar as pessoas. Por isso sugiro ao senhor... não, eu lhe peço, que guarde a caixinha no lugar mais reservado da balsa. Uma vez por dia, vá até esse lugar e lhe dê corda. Cuidado para ninguém mais ouvir, claro. Ninguém pode ficar sabendo. Acho que vai chegar um momento em que o senhor vai aceitar o som da caixinha. (p. 175-176).

Para o velho balseiro e a protagonista, que são personagens atingidos pelo lapso de memória que afeta a ilha, não há familiaridade com os objetos esquecidos. Pelo contrário, para eles, há uma imensa dificuldade em lidar com as coisas sumidas, mesmo quando faziam parte de seu cotidiano, como os romances. No trecho a seguir, veremos o que estes personagens dizem sobre suas tentativas de rememoração.

— Estou me esforçando, mas por enquanto não deu em nada.

— É claro. É muito difícil lidar com uma coisa que sumiu. Para ser sincero, cada vez que eu dou corda nesta caixinha, fico com um sentimento de vazio. Quando a tiro do armário, tento me convencer de que, desta vez, vai acontecer algo diferente, mas sempre sou traído pelas minhas expectativas. Só que como R. me deu este presente com todo o carinho, cumpro diariamente o meu dever de ouvir a melodia.

— Eu também olho para a folha em branco em cima da escrivadinha e fico sem saber o que fazer depois. Não sei onde estou nem para onde devo ir. Sinto-me como se tivesse sido abandonada no meio de uma profunda névoa. Às vezes experimento bater à máquina, para ver se vem alguma inspiração. Estou com uma máquina que peguei emprestada da firma. Deixo-a sempre na escrivadinha. Fico um bom tempo olhando para ela. É um objeto atraente. Complexo, cheio de detalhes, mas tem uma beleza delicada... como um instrumento musical. Quando empurro a alavanca, presto atenção no som das molas, na esperança de que me venha alguma ideia relacionada ao romance... (p. 226-227)

Quando pensamos na oposição entre hábito e memória, notamos que o hábito, no que se refere à reflexividade, é um ato efetuado sem que, em tese, precisemos fazer esforço, o que não ocorre com nenhum dos dois personagens, mas principalmente com a protagonista, que por ser romancista, não deveria precisar fazer esforço para se lembrar de como ocorre o ato de escrever um romance. Já com relação à memória e ao ato de, conscientemente, rememorar, o objeto a ser rememorado deve estar no passado, desprendido e longe de nossa percepção, e este é o motivo pelo qual o velho balseiro não consegue se conectar emocionalmente com a caixinha de música: ele não possui memórias acerca dela.

Segundo Santo Agostinho, em seu paradoxo relacionado à memória do esquecimento, devemos levar em consideração que “a busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento” (RICOEUR, 2000, p. 28). Não há como falar do esquecimento sem falar da lembrança do esquecimento, senão, como saberíamos que esquecemos e como saberíamos o que esquecemos?

Além da diferenciação entre memória e lembrança, também podemos usar os trechos apresentados um pouco mais acima para ajudar a elucidar a questão do esquecimento como um dano sentido.

2.3 O ESQUECIMENTO COMO DANO SENTIDO

O esquecimento é indissociável à memória, mas pode, sob alguns aspectos, ser um de seus inimigos, uma inquietante ameaça que se mantém no plano de fundo de sua fenomenologia, ao mesmo tempo em que a memória, também sob alguns aspectos, pode ser definida pela luta contra o esquecimento.

Ricoeur utiliza duas grandes figuras para definir o esquecimento profundo: o esquecimento por apagamento de rastros e o esquecimento de reserva. A primeira leva ao esquecimento definitivo e sendo este o pressuposto do livro analisado, trataremos apenas dela. Além disso, trataremos rastro como “o correspondente mental (ou psíquico) do cortical em termos de representações e de imagens, entre as quais as imagens mnésicas.” (RICOEUR, 2000, p. 428). Aqui, fenomenologia e neurologia estão relacionadas.

A neurologia, enquanto clínica, aborda o esquecimento no limiar das disfunções e distorções da memória, deixando-o majoritariamente associado ao envelhecimento ou a morte do corpo, sendo este o corpo objetivo, o corpo físico, ou o corpo-objeto, dentro da cultura japonesa, o *kokoro*. A problemática biológica e médica, eleva o esquecimento a amnésia e ignora o esquecimento comum.

O esquecimento comum está, sob esse aspecto, do mesmo lado silencioso que a memória comum. Esta é a grande diferença entre o esquecimento e as amnésias de todos os tipos sobre as quais é fértil a literatura clínica. Mesmo a infelicidade do esquecimento definitivo continua a ser uma infelicidade existencial que convida mais à poesia e à sabedoria do que à ciência. E, se esse esquecimento tivesse uma palavra a dizer no plano do saber, seria para questionar novamente a fronteira entre o normal e o patológico. (RICOEUR, 2000, p. 435)

Um acontecimento que nos marca e afeta deveria permanecer em nosso espírito, e, se por um lado devemos confiar na capacidade do corpo-objeto para preservar essa marca afetiva, por outro devemos desconfiar das dificuldades do trabalho da memória, além de seus usos e abusos, que acabam por se tornar oportunidades para o trabalho do esquecimento. E é assim que confundimos o esquecimento comum com um apagamento incontornável da memória.

A memória, a princípio, parece ser unicamente singular: não se pode transferir memórias de uma pessoa para outra e as minhas lembranças não são as suas. Até o século XX acreditava-se que ela era regida exclusivamente por leis biológicas, mas o sociólogo Maurice Halbwachs trouxe junto ao estudo da memória, o fator social, mostrando que existe uma relação íntima entre o individual e o coletivo.

Segundo Halbwachs (*apud* MIRANDA, 2019), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Ou seja, mesmo que uma memória individual não envolva diretamente outras pessoas, ela necessariamente acontece no mesmo espaço em que as memórias de outras pessoas estão inseridas. Haveria assim um “arquivo” socialmente construído por recursos mentais, que podem ser incorporados na linguagem, mas que também são uma construção social. A memória coletiva representa então um arquivo abstrato de informações que referenciam a uma comunidade, e é composto por memórias individuais, ancoradas em locais de memória que possuem como destino espontâneo e final, o esquecimento.

Os locais de memória possuem três características: são materiais, funcionais e simbólicos. Nos deteremos na característica simbólica, uma vez que ela se refere a um acontecimento vivido por um grupo minoritário de pessoas, que não necessariamente estão vivas, e, ainda assim, trazem representação para o grupo majoritário que não participou do acontecimento, e aqui estão inseridos os *hibakusha* e os integrantes da Segunda Guerra Mundial como um todo.

Em *A Policia da Memória*, o esquecimento é um dano sentido através da análise direta de que o trauma causado através de uma patologia da memória, que aqui pode ser considerada uma amnésia, se refere a um traumatismo e a uma grande ferida da memória coletiva através da fragilidade do corpo-objeto, logo, a fragilidade da memória enquanto experiência temporal, e da identidade. “O romance de Ogawa pode ser lido como uma alegoria da erosão inexorável do tempo sobre as camadas sedimentadas da identidade.”¹¹ (Agnibha Banerjee, 2021, tradução nossa).

Aquilo que celebramos como acontecimentos fundadores são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um estado de direito precário. A glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde a execração, do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura. (RICOEUR, 2000, p. 92)

¹¹ No original: “Ogawa’s novel may be read as an allegory for the inexorable erosion of time upon the sedimented layers of identity.”

“Certamente, há muito a ser aprendido do mundo visto pelos olhos dos derrotados - não apenas sobre miséria, desorientação, cinismo e ressentimento, mas também sobre esperança, resiliência, visões e sonhos.”¹² (DOWER, 1999, p. 24, tradução nossa). Hoje, pouco mais de meio século depois desses acontecimentos históricos, ainda conseguimos observar sequelas da complexidade de interações que ocorrem entre os vencedores e os vencidos. O Japão que conhecemos é a consequência da reestruturação pela qual o país se viu obrigado a passar depois da Segunda Guerra Mundial e apesar do surgimento de um mundo conservador após a guerra, os ideais de paz e democracia chegaram ao Japão não como um ideal emprestado ou uma visão imposta pela ocupação estadunidense, mas como experiências vividas e oportunidades aproveitadas.

2.4 AS FERIDAS DA GUERRA

As feridas simbólicas pelas quais o povo japonês passou ainda estão abertas, no tocante às ameaças nucleares que o mundo constantemente sofre, e continuam propensas ao luto e à melancolia. Apesar de não ser o foco do presente trabalho, é através do trabalho de Ricoeur e de Sigmund Freud (1917) que percebemos que o trabalho do luto e o trabalho da lembrança estão imbricados e juntos, através da memória coletiva, adquirem seu sentido pleno. O tratamento de feridas do amor-próprio nacional justifica o luto por um amor perdido, e uma memória igualmente ferida se torna mais propensa a perdas. “A amnésia histórica relativa a crimes de guerra naturalmente assumiu formas particulares no Japão, mas os padrões de lembrança e esquecimento são mais significativos quando vistos no contexto mais amplo da memória pública e da criação de mitos em geral.”¹³ (DOWER, 2000 p. 30, tradução nossa).

Assim como o arquipélago japonês teve que se reestruturar após o pós-guerra, a ilha apresentada no livro também passa por uma “reconfiguração de sociedade”¹⁴ (COLOMBO, Pamela; SCHINDEL, Estela, 2014, p. 4, tradução nossa), ou seja, uma reconfiguração espacial, muitas vezes motivada pela violência patrocinada pelo Estado que possui como característica principal, o não deixar vestígios visíveis. O governo autoritário apresentado no

¹² No original: “Certainly, there is much to be learned from the world as viewed through the eyes of the defeated--not only about misery, disorientation, cynicism, and resentment, but also about hope, resilience, visions, and dreams.”

¹³ No original: “Historical amnesia concerning war crimes has naturally taken particular forms in Japan, but the patterns of remembering and forgetting are most meaningful when seen in the broader context of public memory and myth-making generally”

¹⁴ No original: “reconfiguration of society”

romance possui recursos tecnológicos que viabilizam o desaparecimento forçado dos objetos e de pessoas, além de um instituto de pesquisa que, teoricamente, faz um mapeamento de consciência para distinguir a fragilidade da memória dos moradores, como podemos ver nos trechos a seguir:

— Ainda não passa de um boato, mas ouvi dizer que eles descobrem quem tem consciência especial por análise cromossômica. Os técnicos responsáveis pelo sequenciamento do DNA estariam sendo treinados em laboratórios de universidades. (...) Ainda que a aparência dos suspeitos não revele características comuns, seria possível, mediante uma análise genética aprofundada, identificar quais deles desenvolveram uma consciência diferente. (p. 34)

E mais adiante, quando somos apresentados ao professor Inui, que é dermatologista e professor em uma universidade:

— Intimação para comparecer ao Instituto de Pesquisa em Genética. (...) Ninguém sabe onde fica, que cara tem o prédio. Mas sabemos mais ou menos o que eles fazem lá. Declaradamente, é um instituto de pesquisa para novas terapias, mas, na verdade, é um braço da polícia secreta que forma novos caçadores de memórias. Querem usar minha pesquisa para detectar pessoas que não esquecem. (p. 42)

O governo autoritário subjuga a mente dos habitantes e os reprime através de mudanças políticas, socioculturais e tecnológicas. A memória é inegavelmente importante para recuperar informações, relembrar experiências do passado, reconhecer o mundo que nos cerca, mas mais que isso, sem memória não poderíamos nem mesmo aprender a andar. O estado de repressão de memórias encontrado na ilha de Ogawa, além de distorcer a percepção de realidade e deixar os habitantes em constante estado de impotência, também nos apresenta uma teia costurada por traumas.

Um trauma não é definido pelo evento violento e original que ocorreu na vida do indivíduo, mas sim pela forma pelo qual ele retorna para assombrar o sobrevivente mais tarde. Quando vivenciamos uma situação opressiva e angustiante, é a nossa reação diante desses acontecimentos que define o trauma. Quanto mais vivemos, mais traumas vivenciamos. Em *A Polícia da Memória* o trauma afeta e se instala em vários âmbitos da vida dos personagens, e podemos acompanhar isso nas sensações de vazio, adormecimento, ansiedade e lapso mental que ocorrem com a narradora enquanto as outras pessoas parecem silenciosamente concordar com seus destinos. Aqui, o silêncio e o esquecimento são ferramentas estratégicas para metaforizar o trauma e a perda.

As cerimônias solenes realizadas, sem explosões emocionais ou protestos, após o desaparecimento dos objetos, mostram o entorpecimento da dor e a sensação de perda. Os

personagens se reúnem para descartar os objetos esquecidos e fingem que nada aconteceu, mesmo que tenham acabado de passar por uma perda e sintam seus corações cada vez mais vazios. Há solidão e talvez haja arrependimento, mas eles consolam-se uns aos outros.

A noção de objeto perdido encontra uma aplicação direta nas “perdas” que afetam igualmente o poder, o território, as populações que constituem a substância de um Estado. As condutas de luto, por se desenvolverem a partir da expressão da aflição até a completa reconciliação com o objeto perdido, são logo ilustradas pelas grandes celebrações funerárias em torno das quais um povo se reúne. Neste aspecto, pode-se dizer que os comportamentos de luto constituem um exemplo privilegiado de relações cruzadas entre a expressão privada e a expressão pública. (RICOEUR, 2000, p. 92).

Mas nesta ilha, não há reconciliação com os objetos perdidos. Muito pelo contrário, cada sumiço torna a vida um pouco mais difícil e puída, como um trapo que não tem remendo. Segundo a narradora:

Ninguém sabe fazer nada nesta ilha. Só produzimos meia dúzia de tipos de verduras. Carros estão sempre dando pane. Peças de teatro são simplórias. Os fogões, pesados demais. Carne, com colesterol. Maquiagem que deixa a pele oleosa. Bebês. Romances que ninguém lê... Coisas fúteis. Produtos pouco confiáveis. Não somos páreos para todo esse sumiço. Cada vez que uma coisa some, gasta-se uma energia descomunal. Não chega a ser uma violência, mas cada desaparecimento é um evento total, súbito, inexorável. Não conseguimos preencher esses vazios com outras coisas, a ilha está se tornando um lugar cheio de vãos. Um lugar oco, poroso. Um belo dia, vai derreter e sumir sem deixar rastros. (p. 66)

O parágrafo apresentado acima também poderia ser utilizado para falar da situação japonesa após a rendição. Dower (1999) ao explorar as subculturas da derrota, nos mostra o movimentado mundo da prostituição: a exploração sexual como forma de fomentar o afeto inter-racial e arrefecer os estereótipos raciais e também o mercado negro, um símbolo de vergonha nacional, um canal para os novos valores americanos de luxo, hedonismo e materialismo, e também uma base para gangues criminosas. Mas mais que isso, o mercado negro construído no pós-guerra também era um símbolo do fracasso do governo japonês em prover alimentos e qualidade de vida para a população e um reflexo do mercado financeiro pós-guerra que, inflacionado, provocou escassez de alimentos e gerou um período de fome. Num momento de riquezas destruídas a níveis mundiais e com a vergonha nacional pairando sobre a terra do sol nascente, “ninguém pensou em economizar para o futuro. Afinal, não havia futuro claro além, ao que parecia, da inflação desenfreada sem fim.”¹⁵ (DOWER, 2000, p. 145, tradução nossa)

¹⁵ No original: “No one had any thought at all about saving for the future. After all, there was no clear future beyond, it appeared, endless runaway inflation.”

No capítulo dezesseis a narradora do romance nos apresenta outros momentos esclarecedores com relação à inflação e a falta de alimentos da ilha:

Passei uma semana indo todos os dias ao mercado na tentativa de conseguir tudo de que precisava para a festa. Os vizinhos tinham razão: as prateleiras das lojas andavam vazias, e havia filas em todas as partes para comprar víveres. Produtos de melhor qualidade estavam mais caros, então, quase não se conseguia mais comprar. Mas tratei de ir pacientemente a diversas lojas atrás do que precisava.

Na entrada do verdureiro, havia um cartaz que dizia: “Amanhã, às nove horas, receberemos vinte quilos de tomates e quinze quilos de aspargos.” Havia meses que eu não via tomates nem aspargos. Com eles, eu poderia fazer uma salada fresca. Saí de casa com umas duas horas de antecedência, mas, ao chegar à loja, já havia uma fila considerável. Contei diversas vezes quantas pessoas estavam na fila, pensando se valeria a pena esperar. Quando chegou minha vez, restavam uns poucos tomatinhos verdes no fundo da caixa e aspargos com as pontas amassadas. Bem, isso era melhor do que nada — havia gente atrás de mim na fila que nem isso conseguiria.

A peregrinação pelos outros mercadinhos rendeu um molho de cheiro-verde para enfeitar os pratos, uns cogumelos mirradinhos, cujo nome desconheço, um punhado de feijões com caruncho, três pimentões vermelhos e três verdes, e um aipo murcho. (p. 164-165)

E, mais adiante, na página 225:

— A firma onde trabalho está indo bem. Não precisa de grandes extensões de terra para produzir temperos, então mesmo com essa neve toda, a colheita não foi prejudicada. A qualidade dos alimentos anda cada vez pior. Em qualquer loja a que se vá, só há carne velha, legumes amassados... os temperos ajudam a disfarçar o cheiro das comidas estragadas.

A prostituição, o mercado negro e toda decadência após a derrota não foram as únicas coisas que o Japão enfrentou juntamente à ocupação. Naquele momento:

O Japão não tinha soberania e, portanto, nenhuma relação diplomática. Nenhum japonês tinha permissão para viajar para o exterior até que a ocupação estivesse quase terminada; nenhuma grande decisão política, administrativa ou econômica era possível sem a aprovação dos conquistadores; nenhuma crítica pública ao regime americano era permitida.¹⁶ (DOWER, 1999, p. 23, tradução nossa).

O plano político criado pelos Estados Unidos garantia que o povo japonês não seria escravizado ou destruído enquanto nação, mas suas diretrizes norteadoras estipularam uma política de reeducação que incorporavam “uma poderosa noção emergente entre os burocratas políticos, a saber, que as autoridades da ocupação deveriam se engajar ativamente na tentativa de alterar a psicologia do povo japonês” (DOWER, 2000, p. 74, tradução nossa). Essa política de reeducação exigia a promoção ativa dos objetivos estadunidenses em toda a mídia, além do controle e censura da imprensa japonesa como um todo.

¹⁶ Japan had no sovereignty and accordingly no diplomatic relations. No Japanese were allowed to travel abroad until the occupation was almost over; no major political, administrative, or economic decisions were possible without the conquerors' approval; no public criticism of the American regime was permissible.

Como já vimos anteriormente, no livro em questão, as críticas a polícia secreta, apesar de não serem explicitamente proibidas, não eram apoiadas em virtude do medo que os habitantes sentiam da organização; da mesma forma, o desaparecimento da balsa e dos barcos acabou por fazer com que os insulanos se vissem enclausurados na ilha. Após o balseiro ser liberado do interrogatório da polícia da memória, em seu diálogo com a narradora, notamos que a simples ideia de ir para um lugar onde “as pessoas de corações indeléveis possam viver em paz” (p. 140), nunca havia sido cogitada.

— (...) Eles queriam saber de um caso de fuga.

— Fuga?

— Sim. No fim do mês passado, um grupo de pessoas fugiu da ilha em um barco parado no pontal do farol. Tentavam escapar dos caçadores de memórias.

— Mas como conseguiram fazer isso? Nenhuma das embarcações da ilha funciona. Já faz secreta, os ônibus e carros que circulam pela cidade, a bicicleta do velho balseiro e uma breve passagem pela estação de trem. Nada é dito com relação à existência de outros meios de transporte ou à possibilidade de se mudar ou circular por tanto tempo que os barcos desapareceram. Esta balsa, por exemplo. Ela não se move mais. Além do quê, ninguém se lembra mais de como operar um barco.

— Bem, as pessoas que fugiram lembram. Lembram o som do motor, o cheiro de gasolina, a forma das ondas quando o barco corta os mares. — O velho limpou a boca com o guardanapo, tossiu um pouquinho e continuou falando: — Um deles deve ter sido, antigamente, empregado do estaleiro ou marinheiro. Só assim para terem conseguido o feito extraordinário de fugir de navio. Ninguém até hoje tinha pensado na possibilidade de se refugiar além-mar. Todos só pensam em se esconder. A polícia secreta está em polvorosa. (p. 137)

E depois, no mesmo diálogo, vemos que a ideia da fuga, na verdade, chega a ser inconcebível:

— Como será que essa gente conseguiu preparar um preparar um navio para zarpar sem chamar atenção da polícia secreta?

— Pois é... Não sei muito bem. Só sei que conseguiram preparar, sem que ninguém percebesse, um barco que estava no estaleiro. Acho que não conseguiram, claro, partes novas para a embarcação, nem as ferramentas adequadas para a reforma. Quando os barcos sumiram, todas as embarcações tiveram os motores extraídos, desmontados, e as peças, lançadas ao mar. (p. 138)

Os únicos meios de transportes apresentados no livro são os caminhões da polícia secreta, os ônibus e carros que circulam pela cidade, a bicicleta do velho balseiro e uma breve passagem pela estação de trem. Nada é dito com relação à existência de outros meios de transporte ou à possibilidade de se mudar ou circular por outro lugar que não seja a ilha, exceto por esta breve passagem:

— “Bilhete... de balsa”?

— Isso mesmo. Olhe só. Está meio apagado, mas aqui dá para ver o destino e o preço. É um bilhete para uma ilha bem grande, que fica mais ao norte. As pessoas compravam este bilhete e subiam na balsa. A balsa do velho. (p. 245)

Historicamente falando, a Batalha de Okinawa pode ser considerada um dos estopins para a decisão genocida dos Estados Unidos de realizar o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki. Também é preciso considerar o fato de que Okinawa ainda hoje abriga a maior base militar estadunidense no Japão, sendo assim, podemos dizer que a ocupação, iniciada em agosto de 1945, não acabou e continua sendo fonte de colonialismo e sofrimento a uma parcela da população japonesa. No entanto, devido ao curto tempo de execução deste trabalho, decidimos ignorar a hipótese de que a ilha em que se passa *A Polícia da Memória* seja, na verdade, uma contraparte de Okinawa.

Seguimos assim, para a questão da existência e a situação psicológica, tanto dos *hibakusha* quanto dos personagens desta análise.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão passou uma “completa militarização da cultura”¹⁷, o que gerou a ideia de que “mulheres, crianças e homens civis tinham deveres e obrigações iguais às dos soldados e marinheiros da ativa. Toda a sociedade foi regulamentada como se todos estivessem no exército”¹⁸ (PEREZ, 1998, tradução nossa). A derrota vivenciada após a rendição do país fez com que a população caísse em estado de vergonha e desonra. Essa medida se tornou problemática em dois lados da mesma moeda: os japoneses passaram a se ver como vítimas, tanto da militarização imposta quanto das medidas tomadas pelos seus aliados.

A hecatombe das cidades de Hiroshima e Nagasaki, uma tragédia nacional e mundial, “tornaram-se ícones do sofrimento japonês – tesouros nacionais perversos, de certa forma, capazes de fixar a memória japonesa da guerra naquilo que aconteceu com o Japão e simultaneamente apagar a lembrança da vitimização japonesa de outros”¹⁹ (DOWER, 1996, p. 123, tradução nossa). Ao mesmo tempo, a censura imposta pela ocupação estadunidense fez com que “aceitar publicamente a morte, a destruição e a derrota fosse mais problemático”. Aqui, a censura poderia impedir expressões razoáveis e terapêuticas de pesar.”²⁰ (DOWER, 1999, p. 414, tradução nossa). Assim, ainda segundo Dower (1996), isso levou os *hibakusha* a

¹⁷ No original: “complete militarization of the culture”

¹⁸ No original: “women, children, and civilian men had duties and obligations equal to those of active soldiers and sailors. All of society was regimented as if everyone was in the military”

¹⁹ No original: “became icons of Japanese suffering – perverse national treasures, of a sort, capable of fixating Japanese memory of the war on what happened to Japan and simultaneously blotting out recollection of the Japanese victimization of others”

²⁰ No original: Coming to terms publicly with death, destruction, and defeat was more problematic. Here, censorship could impede reasonable and therapeutic expressions of grief.

um estado em que “eles não podiam lamentar publicamente, não podiam compartilhar suas experiências por meio de palavras escritas, não podiam receber aconselhamento público e apoio”²¹ (p. 127, tradução nossa).

Nessas circunstâncias, os sobreviventes das bombas acharam extremamente difícil buscar consolo uns nos outros ou contar aos outros o que a guerra nuclear significava no nível humano. Além disso, a censura aberta estendeu-se aos escritos científicos. Muitos relatórios sobre os efeitos das explosões e da radiação resultante não puderam ser divulgados até os últimos meses da ocupação. Por mais de seis anos, cientistas e médicos japoneses e até mesmo alguns cientistas americanos, em Hiroshima e Nagasaki, que estavam conduzindo pesquisas sobre os efeitos da radiação, tiveram acesso negado a dados que poderiam tê-los ajudado a se comunicar e ajudar vítimas de bombas atômicas.²² (DOWER, 2000, p. 414, tradução nossa)

Como resultado da negação do sofrimento das vítimas estrangeiras e dos *hibakusha*, o Japão se viu em um momento de manipulação da história nacional para negar e alterar seu passado. Esse modo de funcionar corresponde a descrição do trabalho realizado pela polícia secreta, feita por um funcionário do alto escalão na hierarquia:

— Nossa principal missão é promover os desaparecimentos de forma rápida e apagar as memórias associadas às coisas que sumiram, quando elas não são mais necessárias. Não é prudente ficar guardando memórias inúteis do passado. A senhorita não acha? Se o dedão do pé gangrena, ele deve ser extirpado sem demora. Do contrário, o paciente pode perder a perna inteira. Com as memórias é a mesma coisa. No entanto, as lembranças e o coração humano não têm forma nem substância. As pessoas são capazes de guardar memórias em segredo. Como nosso trabalho é lidar com o intangível, precisamos proceder com muita sensibilidade. É um trabalho de grande sutileza, de grande delicadeza. Precisamos localizar segredos impalpáveis, analisá-los, selecioná-los e dar-lhes um destino adequado. (p. 126)

Nesse sentido, a existência dos *hibakusha* foi ostracizada, cortada da sociedade como um dedo do pé gangrenado. Ao mesmo tempo em que “para a grande maioria das pessoas comuns, era emocionalmente impossível aceitar a morte de familiares e conhecidos ou seu próprio sofrimento como uma retribuição merecida”²³ (DOWER, 1999, p. 415, tradução nossa), outros ficaram felizes em esquecer dos sobreviventes nucleares, afinal, eles “eram lembranças deformadas de um passado miserável”²⁴ (DOWER, 1996, p. 128, tradução nossa).

²¹ No original: “could not share their experiences through written word, could not be offered public counsel and support”

²² No original: “In these circumstances, survivors of the bombs found it exceedingly difficult to reach out to one another for comfort, or to tell others what nuclear war meant at the human level. Beyond this, overt censorship extended to scientific writings. Many reports concerning the effects of the blasts and ensuing radiation could not be made public until the closing months of the occupation. For over six years, Japanese scientists and doctors and even some American scientists in Hiroshima and Nagasaki who were conducting research on radiation effects were denied access to data that might have assisted them in communicating to and helping atomic-bomb victims.”

²³ No original: “To the great majority of ordinary people, it was in any case emotionally impossible to accept the death of family and acquaintances or their own suffering as being deserved retribution.”

²⁴ No original: “were deformed reminders of a miserable past”

Foi só depois da morte do imperador Hirohito, que governou durante a Segunda Guerra Mundial, e a subida de Akihito ao poder, em 1989, que houve mudança no pensamento cultural japonês, como, por exemplo, a decisão de usar a literatura relacionada à bomba atômica como material educativo para as gerações mais jovens, que não vivenciaram a guerra. Relativamente mais importante que isso: o Japão se entendeu como vítima e consequentemente, a cidade de Hiroshima, agora reconstruída, se tornou um símbolo de paz e o símbolo incontestável do renascimento dos japoneses. Neste momento, o abandono da negação, a aceitação da responsabilidade das partes envolvidas com relação aos acontecimentos e sobretudo, os pedidos de desculpa, tornaram-se símbolos da abertura de uma nova era para o Japão.

2.5 A QUESTÃO PSICOLÓGICA

Masao Tomonaga, diretor honorário do Hospital da Bomba Atômica de Nagasaki da Cruz Vermelha Japonesa e *hibakusha*, um sobrevivente da bomba atômica, em sua palestra intitulada “A consequência de longo prazo dos bombardeios atômicos em Hiroshima e Nagasaki: evidências do aspecto anti-humanitário das armas nucleares”²⁵ (2019, tradução nossa), além de relatar como aconteceu sua exposição a “grande tempestade de fogo”, fornecer dados técnicos relacionados à destruição das duas cidades e nos atualizar sobre a situação dos sobreviventes, relata a situação psicológica em que essas pessoas se encontravam e se encontram.

Além do efeito corporal, há muito tempo vemos danos psicológicos nos sobreviventes. (...) Usando o Questionário de Saúde Geral da WHO [Organização Mundial da Saúde], encontramos aumento da depressão e de PTSD [Transtorno de Estresse Pós-Traumático], doença de estresse pós-traumático. Assim, [é possível ver que] a taxa [de diagnosticados] aumentou.

Em conclusão, as bombas atômicas são armas de direcionamento de genes. A radiação imediatamente causa danos ao DNA que causam mortes imediatas e também induz leucemia e cânceres durante toda a vida dos sobreviventes. O efeito psicológico também é duradouro e profundo.²⁶ (tradução nossa)

²⁵ No original: The Long-Term Consequence of Atomic Bombings in Hiroshima and Nagasaki: Evidence of the Anti Humanitarian Aspect of Nuclear Weapons.

²⁶ No original: In addition to body effects, we have long seen psychological damage to survivors. (...) By using the WHO [World Health Organization] General Health Questionnaire, we found a dose-dependent increase of depression and PTSD [Post-Traumatic Stress Disorder], posttraumatic stress disease. The rate increases, like this. In conclusion, the atomic bombs are gene-targeting weapons. The radiation immediately causes DNA damage that causes immediate deaths and also later induces leukemia, cancers during survivors' entire lives. The psychological effect is also long-lasting and profound.

Quando olhamos os estudos mais detalhados com relação às consequências psicológicas sofridas pelos *hibakusha* notamos uma sensação de esvaziamento da vida, chamada pelo médico responsável de “morte em vida”:

Eles viram tantas pessoas morrendo em agonia e gritando por socorro e pedindo um gole d'água, mas tiveram que ignorá-los para sua própria sobrevivência. Seu dano psicológico foi tão grave que quase todos os sobreviventes encontraram o sentimento negativo de ‘também estamos mortos, embora ainda vivos’. Eles também sentiram que ‘perdemos nossa humanidade; nós cometemos um pecado.’²⁷ (LIFTON, 1991, tradução nossa)

Esse sentimento também pode ser encontrado na protagonista, e se intensifica a cada sumiço experienciado dentro da ilha. Em uma de suas primeiras conversas sobre os objetos esquecidos com R., antes ainda do esconderijo, já notamos que apesar de se tratar majoritariamente de uma lembrança de sua mãe, quando ela reflete sobre a sua própria memória, essa reflexão carrega um pesar que é percebido e consolado pelo seu editor:

— Eu acho que sim. Minha mãe punha a pedra no dedo e ficava olhando para ela sob a luz do luar. Mas digo isso levando em consideração a reação dela, porque, para mim, aquilo não tinha significado nenhum. Não me lembro de sentir nenhuma emoção: não achava lindo, não achava que ficava bem no dedo de minha mãe, não desejava ter uma coisa daquelas. Lembro que era uma coisa fria ao toque. Diante deste móvel, minha memória é como o bicho-da-seda que dorme em seu casulo.

(...)

— Não há do que se desculpar. É muito difícil se lembrar das coisas que sumiram. (p. 79-80)

Já dentro do esconderijo, a protagonista se sente mais segura para pensar acerca do seu próprio esquecimento e os sentimentos que ele lhe causa. Analisando esses momentos, notamos que o pesar verificado anteriormente, bem como a sensação de vazio de seu coração, se intensifica a cada desaparecimento da ilha. Esses sentimentos são confidenciados a R., que como podemos ver no trecho a seguir, vive a experiência oposta a da narradora com relação ao estado de seu coração, mas ainda assim se torna o guardião das memórias e seu consolador.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Qual é a sensação de nunca se perder nenhuma memória?

Ele arrumou os óculos e segurou a garganta.

— Que pergunta difícil.

— Você não fica com o coração transbordando, lotado de coisas?

— Não, isso não acontece. O coração humano não tem limite de capacidade. Ele aceita coisas de todos os tamanhos e formas, na quantidade que for.

²⁷ No original: They saw so many people dying in agony and screaming for help and asking for a sip of water. But they had to ignore them for their own survival. Their psychological damage was so severe that almost all the survivors encountered the negative feeling of “we are also dead although still alive”. They also felt that “We lost our humanity; we committed a sin.”

— Então você tem guardadas intactas no coração todas as coisas que já sumiram desta ilha?
— Não sei se intactas. As memórias não são algo que se acumule simplesmente. Elas vão se transformando, mudando de lugar com o tempo, desaparecendo aos poucos. Claro, a forma como as coisas desaparecem da sua memória, quando há um sumiço, é completamente diferente.
— Qual é a diferença? — perguntei, mexendo nas unhas.
— As minhas memórias não são, por assim dizer, arrancadas com raiz e tudo. Mesmo as coisas esquecidas deixam algum traço em algum lugar do coração. Como pequenas sementes. Se algo as desperta, voltam a crescer. Mesmo quando a memória em si desaparece, ela deixa em seu lugar alguma coisa: um tremor, uma dor, um prazer, uma lágrima.
Ele escolhia cuidadosamente as palavras — como se cada uma fosse investigada pela língua, antes de sair pelos lábios.
— A julgar pelos seus romances, não consigo imaginar seu coração como um oco cheio de buracos.
— É cada vez mais difícil escrever romances nesta ilha. Cada vez que há um sumiço, sinto como se as palavras fossem se distanciando rapidamente. Acho que só consegui continuar até agora porque você se lembra das coisas e me ajuda a escrever. (pp. 98-99)

A relação entre a narradora e R. seguem os moldes já conhecidos da escrita de Yoko Ogawa:

Seus personagens vivem a uma distância emocional um do outro, incertos sobre sua conexão até mesmo com as pessoas mais íntimas de suas vidas. A ajuda, quando chega, é imprevisível e chega de lugares inesperados, uma forma de acaso. (...) O resultado costuma ser agridoce: uma sensação de perda misturada com uma consciência renovada de si mesmo e de suas possibilidades no mundo.²⁸ (SIEGEL, 2013, tradução nossa).

Há certa impessoalidade na relação entre a escritora e o editor até que, numa espécie de rompante emocional, causado pela visita dos Inui e pelo medo da polícia secreta, a escritora decide esconder R. em sua casa. No começo, pela incerteza da conexão, conforme dito acima, há relutância em aceitar a ajuda oferecida e algum tempo depois, é perceptível o estreitamento dessa relação.

O resultado de seu relacionamento com R. juntamente com o contato próximo com suas emoções, até então guardadas dentro de seu coração, fazem com que a narradora questione tanto a sua vontade com relação ao lembrar e ao esquecer, quanto os acontecimentos que a cercam. Antes do esconderijo os questionamentos referente a polícia secreta são apenas com relação à distinção entre as pessoas que passam pelo apagamento de memórias e as imunes a este sofrimento, mas a partir do momento em que ela e o velho balseiro se propõem a esconder R., o *modus operandi* e a eficácia dele também passam a ser questionamentos.

²⁸ No original: Her characters live at an emotional distance from each other, uncertain about their connection to even the most intimate people in their lives. Help, when it comes at all, is unpredictable and arrives from unexpected places, a form of serendipity. (...) The result is usually bittersweet: a sense of loss mixing with a renewed awareness of the self and its possibilities in the world.

Esse questionamento também é acompanhado por uma contradição de sentimentos: apesar de ter R. e pensar que “o sumiço de uma coisa não é digno do estardalhaço que a polícia secreta faz”, uma vez que “a maioria das coisas desaparece ao queimar” (p. 160), a protagonista é pega constantemente pensando sobre querer que R. esqueça ou que, ao menos, consiga entender a intensidade dos sumiços aos quais ela e o velho são expostos:

— Você quer se lembrar das coisas que perdeu?

— Não sei. Na verdade, não sei nem do que exatamente eu devia me lembrar. Quando uma coisa me some, o sumiço é completo. Não fica nada para trás. Tenho de continuar vivendo com um coração oco, cada vez com mais buracos. (p. 99)

— Sim, é. Será que em uma noite como esta está ocorrendo alguma operação de caça às memórias? As memórias não se apagam no frio da neve?

— Claro que há caça às memórias. As memórias são mais resistentes do que você imagina. Os corações que não esquecem também são resistentes.

— É mesmo?

— Você parece decepcionada.

— Sim, porque se houvesse uma maneira de ajudar você a esquecer, você não precisaria estar aí preso.

— Ah, entendi.

A voz dele era um murmúrio, um suspiro. (p. 130)

Ele suspirou e segurou as têmporas. Isso sempre acontecia quando falávamos das coisas que sumiram. Por mais que me esforçasse, eu não conseguia entender o lado dele, e ele não conseguia entender o meu. Não havia quase nada em que concordássemos com relação a esse tópico. Quanto mais discutíamos, mais triste eu ficava. (p. 206)

Ao longo do livro conseguimos ver uma escalonada de sentimentos, até o momento que a narradora, também assombrada pelo luto do que representa a sua figura paterna, desiste de lutar contra o esquecimento e aceita sumir por completo, indo contra o pedido de R. e assim passando pela morte em vida, em que seu corpo, apesar de ainda poder ser tocado, desvanece junto com seu espírito.

— (...) Não vê que o meu coração e o seu se encontram em espaços diferentes, afastados um do outro? O seu coração sente o calor dos corpos, sente paz, sente o viço das coisas, os sons, os aromas do mundo. O meu coração sente cada vez menos da vida e está, aos poucos, esfriando e endurecendo. Um dia, ele vai se solidificar, vão surgir rachaduras, e ele vai se quebrar em pedacinhos.

— Você não precisa ir a lugar nenhum. Fique aqui. Aqui é seguro. Este esconderijo é o lugar onde as memórias ficam guardadas. Venha se esconder neste quarto que flutua no espaço, junto com a esmeralda, o perfume, as fotografias, o calendário. (p. 297).

Aos poucos fui ficando sem fôlego. Olhei à minha volta. Enfileirado com os outros objetos sumidos, entre a caixinha de música e a gaita de boca, estava meu corpo. Os pés, caídos para os lados, as mãos, unidas no peito, os olhos, baixados. Talvez no futuro ele toque esse corpo da mesma forma como dá corda na caixinha, ou como assopra a gaita, para reviver as lembranças que tem de mim. (p. 313).

R., enquanto guardião das memórias, representa a parcela da população japonesa que não acatou os sentimentos e as ordens de quem estava no poder durante o pós-guerra japonês. O capítulo final, em que mais do que as pernas esquerdas, mas os corpos como um todo somem da ilha, representa a abertura dessa nova era. R., enquanto personagem que rompe com a realidade apresentada ao ponto de sua própria existência ser censurada, acaba por se tornar o verdadeiro protagonista dessa ficção.

A semelhança entre a polícia secreta e o pensamento japonês durante o pós-guerra podem mostrar a obsessão por memórias seletivas que fazem jus somente ao que convém, um comportamento que nos leva ao esquecimento comandado (anistiado) de histórias e de memórias, o desaparecimento de pessoas e do que elas, enquanto seres humanos, representam. O trabalho de Ogawa nos mostra o retorno e a valorização de um passado esquecido, a prova de que alguns esquecimentos representam a morte do saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu que olhassemos o Japão e a sua história a partir de uma perspectiva diferente da que estamos acostumados. Aqui, pudemos conhecer os acontecimentos históricos que levaram o Japão a ser o país que conhecemos atualmente. Além disso, com relação ao bombardeio das cidades japonesas e a ocupação pós Segunda Guerra Mundial, pudemos conhecer o lado da vítima e os impactos da derrota sobre os derrotados.

A história japonesa, infelizmente, marcada por catástrofes, contempla o principal aspecto teórico dessa pesquisa e a partir dela pudemos conhecer a alegoria feita por Yoko Ogawa e nos aprofundarmos na importância dos *hibakusha* para a história presente e a que ainda está por vir. Com a literatura feita por Ogawa e as lentes importadas da fenomenologia da memória, e, principalmente, da memória histórica, também analisamos a representação dos traumas e das perdas pelas quais o Japão passou.

O antropoceno, época geológica em que vivemos, é marcado tanto pelos bons quanto pelos maus impactos que a humanidade têm causado. No entanto, os conflitos, guerras e hecatombes movidas pelo ódio e pela ganância não deixam marcas apenas no corpo terrestre, muito pelo contrário, acompanham as vítimas e seus familiares como um fantasma sempre à espreita, seja em forma de trauma, de relatos da sobrevivência ou de pesar. No caso dos sobreviventes japoneses, o fantasma tem sido constantemente moldado ao formato de arte e de luta por um mundo de paz, sem armas nucleares.

Hoje estamos entrando numa época do mundo em que não teremos sobreviventes para relatar e nos fazer refletir sobre as consequências de um mundo em conflito e com armas nucleares ao alcance da mão. Por esse motivo é vital que sigamos o exemplo japonês, e que usemos a literatura e tudo mais que seja possível, para que a nova geração não siga os mesmos passos das gerações passadas.

O relógio do juízo final, criado imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando os cientistas começaram a se preocupar com a corrida armamentista dos Estados Unidos e da União Soviética, está cada vez mais perto da meia-noite. Claro, as ameaças nucleares não são as únicas fontes plausíveis para o apocalipse final, mas têm, historicamente, colaborado para que os minutos passem mais rápido. A Rússia, insistentemente, ameaça repetir a história genocida de Hiroshima e Nagasaki, dessa vez com a Ucrânia.

Ricoeur (2020) apresenta uma preocupação pública: "perturba-me o inquietante espetáculo que apresentam o excesso de memória aqui, o excesso de esquecimento acolá, sem falar da influência das comemorações e dos erros de memória — e de esquecimento." (p. 17).

Se olharmos para trás e refletirmos sobre a nossa história, enquanto humanidade, é possível ver o que o excesso de memória e de esquecimento, bem como o empenho de certos políticos em distorcer a política da memória, podem causar ao imaginário da população.

Os Estados Unidos, essa grande potência, detentora da liderança no poderio industrial, militar, financeiro, nuclear, estratégico e cultural mundial, se sente à vontade para se apossar do cargo de justiceira do mundo e travar batalhas ideológicas tanto no campo imaginário quanto físico e territorial. A corda sempre arrebenta para o lado mais fraco e temos visto há muito tempo que, com relação a Ásia, a corda é constantemente cortada através de *fake news* e propagandas negativas motivadas, se não totalmente, quase todas por um racismo nascido há muitas décadas atrás.

Para os vencedores, ocupar a Alemanha derrotada não tinha nada do exotismo do que acontecia no Japão: o controle total sobre uma sociedade pagã “oriental” por homens brancos que estavam (inequivocamente, na visão do general MacArthur) engajados em uma missão cristã. A ocupação do Japão foi o último exercício imodesto do conceito colonial conhecido como “fardo do homem branco”²⁹. (DOWER, 1999, p. 23, tradução nossa)

Assim, toda falta de conhecimento e de representação amarela que chega até nós, é vista sob o olhar baço de quem se influencia pelo Oriente inventado por ocidentais.

A nossa intenção com este trabalho era não só analisar *A Polícia da Memória*, mas também *O Museu do Silêncio*, da mesma autora. Como não tivemos tempo hábil para tal, esta é uma pesquisa que continua em andamento. Em *O Museu do Silêncio*, podemos questionar novamente o imaginário japonês, mas devemos focar na sua reconstrução depois da catástrofe e nos acontecimentos ocorridos durante a ocupação estadunidense, assim, poderíamos ver a posição assumida pelo Japão em relação a conservação de sua memória coletiva.

²⁹ No original: “For the victors, occupying defeated Germany had none of the exoticism of what took place in Japan: the total control over a pagan, “Oriental” society by white men who were (unequivocally, in General MacArthur’s view) engaged in a Christian mission. The occupation of Japan was the last immodest exercise in the colonial conceit known as “the white man’s burden.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANERJEE, Agnibha. “No one can erase the stories”: A Review of Yoko Ogawa's *The Memory Police*. *In: South Central Review* 38(2), 12-16, 2021. p. 12-16

BORGES, Rosana. Prefácio à Edição Brasileira. *In: HOOKS, Bell. Olhares Negros: Raça e Representação*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 25-29.

COLOMBO, Pamela; SCHINDEL, Estela. **Introduction: The Multi-layered Memories of Space.** *In: Space and the Memories of Violence: Landscapes of Erasure, Disappearance and Exception*. London: PalgraveMacmillan, 2014. p. 1-17.

DOWER, John W. **The Bombed:** Hiroshimas and Nagasakis in Japanese Memory. *In: Hiroshima in History and Memory*. Cambridge University Press, 1996.

DOWER, John W. **Embracing Defeat:** Japan in the wake of World War II. New York: W. W. Norton & Company, The New Press, 1999.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: LCT, 2007.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GOJIRA. Direção: Ishiro Honda. Produção de Tomoyuki Tanaka. Facebook. 4 de ago de 2016. (96 min.) Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=1757418244479990>>. Acesso em: 9 de nov de 2022.

KUSHNER, Barak. *Gojira as Japan's First Postwar Media Event*. *In: Tsutsui, W.M., Ito, M. (eds). Godzilla's® Footsteps*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 41-51.

LIFTON, R. J. **Death in Life:** Survivors of Hiroshima. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

MARCELLO NETO, Mario. **O brilho de mil sóis:** História, Memória e Esquecimento sobre a bomba atômica nos Estados Unidos e no Japão. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2020.

MITCHELL, Richard H. **Janus-Faced Justice:** Political Criminals in Imperial Japan. Honolulu: University of Hawai'i Press, 1992.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. 27 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>>. Acesso em: 31 de dez de 2022.

MOREIRA, Éric. As 23 bombas lançadas no Atol de Bikini durante testes dos EUA. Aventuras na História, 19 jul. 2022. Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/atol-de-bikini-lancadas-ilha-mais-radioativa-do-mundo.phtml>> Acesso em: 26 de jan de 2023.

OGAWA, Yoko. **The strange case of Yoko Ogawa and Anne Frank**. The Sydney Morning Herald, 25 ago. 2019. Disponível em:

<<https://www.smh.com.au/entertainment/books/the-strange-case-of-yoko-ogawa-and-anne-frank-20190816-p52hsj.html>> Acesso em: 19 de dez de 2022.

OGAWA, Yoko. **How We Retain the Memory of Japan's Atomic Bombings: Books**. The New York Times, 6 ago. 2020a. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/08/06/magazine/hiroshima-nagasaki-japan-literature.html>> Acesso em: 11 de nov de 2022.

OGAWA, Yoko. 死者の声を運ぶ小舟. New York Times Magazine, 6 ago. 2020b. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/ja/2020/08/06/magazine/atomic-bombings-japan-books-hiroshima-nagasaki.html>> Acesso em: 12 de nov de 2022.

OGAWA, Yoko. **A Polícia da Memória**. Tradução: Andrei Cunha. 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2021.

PEREZ, Louis G. **The History of Japan**. Greenwood Publishing Group, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2017. Edição do Kindle.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Tradução: Alain François. 9ª reimpressão. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SIEGEL, Robert Anthony. **The Question Floating Between Us: The Lovely Indeterminacies of Yoko Ogawa**. Los Angeles Review of Books, 2013. Disponível em:

<<https://lareviewofbooks.org/article/the-question-floating-between-us-the-lovely-indeterminacies-of-yoko-ogawa/>> Acesso em: 8 de jan de 2023.

TIPTON, Elise K. **The Japanese Police State: Tokko in Interwar Japan**. London: Bloomsbury Academic, 2014.

TOMONAGA, Masao. **The Long-Term Consequence of Atomic Bombings in Hiroshima and Nagasaki: Evidence of the Anti Humanitarian Aspect of Nuclear Weapons**. Nagasaki: Atomic Heritage Foundation, 2019. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1080/25751654.2019.1681226>> Acesso em: 18 de dez de 2022.

Welcome to Ministry of Health, Labour and Welfare. **With a survivor of the atomic bombing**. Disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/english/>>. Acesso em: 23 de nov de 2022;